Falando de Minas

O Barroco e o Neoclassicismo na arquitetura e artes visuais

Após as apresentações anteriores em que falamos sobre o Barroco e as diversas manifestações artísticas do século XIX em Minas Gerais, resolvemos realizar um contraponto didático entre duas linguagens: a Barroca e a Neoclássica. Ressalvamos, porém, que o Barroco não se limitou a constituir um estilo visual, estendendo-se à literatura, ao teatro, à música, às manifestações de caráter festivo e lutuoso, consistindo em uma estrutura histórica, em uma visão de mundo. Nesse sentido encontramos interpretações brilhantes, como a de José Antonio Maravall (da Universidade Complutense de Madri) e a do poeta e ensaísta Affonso Ávila. Assim sendo, de imediato podemos considerar que o Neoclássico não é uma cultura, mas tão somente uma concepção artística e, ao tratá-lo como tal, não incorremos em uma leitura restritiva.

O Barroco teve uma abrangência universal, pois ocorreu após as Grandes Navegações, inscrevendo-se no período que vai de 1580 até o primeiro quartel do século XVIII na Europa, enquanto nas possessões ultramarinas de Portugal e Espanha atinge meados do século XVIII. Essa concepção encontrou um mecenato poderoso na Itália, que ainda não era unificada politicamente, e nas monarquias absolutistas católicas, mas não foi ausente nos países protestantes que apreciavam a arte do retrato, a pintura de paisagem e de natureza morta.

Em termos formais há preferência pelas cores cromáticas, contraste claro-escuro, emprego das linhas em diagonal, composição profundamente movimentada, sobretudo quando a mão de obra passa por uma aprendizagem formal (ateliês e oficinas sob a orientação de um mestre). Na escultura, há valorização de massas abundantes, das figuras muito movimentadas e até com poses complicadas.

Há grande apreço à expressão dos sentimentos, das emoções, e, por essa razão, considera-se que no Barroco há um gosto pelo patético (*pathos* = estados da alma). Essa caracterização não serve se a fatura é ingênua, pois o artesão do povo tende a fazer composições pouco movimentadas, serenas e a se fixar na tradição do "saber-fazer". O apelo ao emocional faz do Barroco uma arte expressionista:

o apreço a ênfases formais (linguagem hiperbólica) tem como fim sensibilizar o espectador e dirigir suas emoções.

Em 1764, Winckelmann escreve "*História da Arte na Antiguidade*" e nela defende o ideal de beleza da Grécia Antiga, conhecido como Classicismo: desenho bastante detalhado, harmonia das proporções, regularidade da forma, serenidade da expressão, racionalidade e disciplina, uso austero da cor, com preferência para os tons baixos.

Essas qualidades formais caminham na contramão do Barroco, pois se alinham ao apolíneo, ou seja, a uma concepção altamente racional. A ênfase é dada aos aspectos objetivos, e não à subjetividade. Essa busca de perfeição pode ser traduzida sucintamente: o Neoclássico revisita o Classicismo que havia sido retomado no período Carolíngio, na Renascença Italiana; enfim, não constitui uma força criadora, pois ele apazigua ao invés de incomodar. Além do que, o Neoclássico é sempre igual, não importa o lugar em que o monumento esteja. A sua universalidade se funda no academismo! Ele não se beneficia dos aspectos particulares; ele não se aclimata porque ignora a diversidade de costumes, de materiais e do saber-fazer específico das regiões.

Em face do Rococó, que dominava essa segunda metade do século XVIII, concepção voltada para a abundância na decoração, uso das conchas espraiadas (elemento *rocaille*) e dos elementos sinuosos, grande preocupação com o conforto e o bem-estar, e ainda mais com o agravante de ser relacionado a uma visão de mundo aristocrática, a obra de Winckelmann logrou sucesso, chegando a influenciar artistas.

Adalgisa Arantes Campos[1]

[1] Profª. associada nível 4 no Departamento de História da UFMG.